

AS CIÊNCIAS HUMANAS E A SITUAÇÃO DA MULHER *

EVELYN GLENN

Em fins de 1976, quem examinasse o anuário da Universidade de Boston encontraria em muitos dos títulos de cursos as palavras «sexo» ou «mulher», como por exemplo: **Psicologia da Mulher, A Mulher na Tradição Judaico-Cristã, Perspectivas da Mulher na Cultura, Papéis Sexuais Comparados, A Mulher na Antigüidade.**

De fato, durante os dois semestres do ano letivo passado, 20 cursos diferentes foram dedicados a mulher e a papéis sexuais. Há cinco anos atrás, em 1971, não se encontrariam tais cursos. Em minha Universidade, os estudantes agora podem graduar-se¹ em estudos interdisciplinares sobre a mulher. Muitas outras universidades, tais como a Universidade de Wisconsin, Universidade Estadual da Califórnia, em San Diego, Universidade de Massachussetts, em Boston, criaram departamentos de estudos sobre a mulher, onde os estudantes podem obter diploma de bacharel nessa área. Espera-se que mais de 500 delegados de departamentos e centros de estudos femininos compareçam à Conferência Nacional de Estudos sobre a Mulher, em São Francisco, Califórnia, em 15 e 16 de janeiro de 1977. Há oito anos atrás não havia nada de estudos sobre a mulher.

Desde 1976, as mulheres e os simpatizantes do feminismo criaram associações dentro de todas as principais disciplinas e carreiras universitárias. Esses grupos incluem a Comissão Coordenadora para a Mulher nas Carreiras de História, Mulher na Psicologia, Comissão Sobre a Posição da Mulher na Economia e Sociólogos pela Mulher na Sociedade. Os grupos profissionais femininos existiram no passado

* Evelyn Glenn, professora de Sociologia da Boston University e primeira vice-presidente da *Sociologists for Women in Society*, participou do curso «Pesquisa sobre a Mulher», realizado na Fundação Carlos Chagas, em dezembro de 1976.

Na ocasião, proferiu a palestra aqui reproduzida, a qual, embora voltada basicamente para a realidade americana, apresenta, no entanto, pontos importantes cuja aplicação à nossa realidade deve ser objeto de reflexão.

1 No original, *take a minor concentration*: nos EE.UU., os alunos podem graduar-se em duas áreas, uma principal, e outra secundária («minor»).

porque as mulheres foram **excluídas** dos grupos profissionais masculinos. Os novos grupos de mulheres diferem no fato de que são constituídos de mulheres membros de associações profissionais onde há integração de sexos, tais como a Associação Americana de Psicologia. Foram criados devido ao reconhecimento de que as mulheres têm interesses específicos, por causa do desejo de valorizar a posição da mulher nas disciplinas universitárias e para assegurar que a pesquisa e as publicações nas várias áreas expressem seus interesses.

Deve-se observar, a esta altura, que existe séria discriminação contra a mulher em todo o ensino superior norte-americano, em termos de remuneração, política de admissão e hierarquia universitária. Embora este aspecto da mulher na educação não seja abordado em profundidade nesta palestra, é importante ter em mente esses fatos. Ironicamente, a despeito da maior consciência da posição feminina no ensino superior, a tendência durante o ano letivo passado foi para um aumento das diferenças salariais entre homens e mulheres. Por exemplo, no ano letivo de 1974-75, a remuneração para o corpo docente feminino foi 4,5% inferior à dos professores masculinos do mesmo grau universitário. Essa diferença aumentou para 5,2% no ano de 1975-76. A remuneração anual média para um professor titular nos Estados Unidos, durante o ano passado, chegou a \$ 27.850 e, para uma professora, a \$ 25.060. A diferença foi ainda mais impressionante na escala salarial para homens e mulheres, em todos os níveis (professores titulares, adjuntos, assistentes e instrutores): os homens receberam em média \$ 22.080; as mulheres, \$ 17.180.

Igualmente, a porcentagem total de mulheres no corpo docente das faculdades norte-americanas chegou a 22,5% em 1974-75, mas apenas a 21,7% em 1975-76. O acesso aos dois graus universitários mais elevados também diminuiu. Em 1975-76, as mulheres nos níveis de professor titular e adjunto representavam menos de 34%, enquanto 63% de todo o corpo docente universitário masculino estavam nessas duas catego-

rias(*). Assim, pode-se ver claramente que as mulheres representam uma minoria relativamente diminuta de todo o corpo docente universitário, que têm dificuldade em ascender aos cargos mais elevados da carreira universitária e que recebem menor remuneração, mesmo quando se encontram no mesmo nível acadêmico de seus colegas masculinos. Esta situação está sendo combatida pelas mulheres em várias frentes de operação, incluindo medidas legais para assegurar a subordinação da Universidade à legislação de direitos civis, mas, como o demonstram as estatísticas, a batalha está sendo geralmente perdida.

Retornando agora ao enfoque cada vez maior sobre o sexo feminino, dentro das disciplinas das ciências sociais, devemos observar que, durante o ano de 1976, houve numerosas conferências nacionais destinadas a apresentar e divulgar conhecimentos e pesquisas recentes a respeito da mulher. Incluíram simpósios acerca da história feminina, crise da maturidade, uma conferência do arquivo sobre a Mulher da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, uma Conferência sobre a mulher e o desenvolvimento, diversas conferências a respeito da mulher, emprego e saúde, e até mesmo um seminário sobre a mulher no Século III. Tornou-se praticamente impossível acompanhar a seqüência de reuniões e artigos, em minha área de Sociologia, não se considerando as outras disciplinas de ciência social.

Durante esta década, foram criadas três novas revistas acadêmicas para divulgação de pesquisas e estudos sobre papéis sexuais e/ou estudos da mulher. Os periódicos que estabeleceram melhor renome científico são: *Signs*, publicado pela Universidade de Chicago; *Sex Roles*, editado pela Plenum Press, e *Feminist Studies*. Além disso, há publicações literárias femininas, uma revista de arte, periódicos e jornais, inclusive um jornal semanal feminino em Boston. Enquanto em 1972, quando ministrei pela primeira vez um curso sobre papéis sexuais, tive dificuldades em encontrar meia-dúzia de livros para indicar aos estudantes, atualmente existem bem mais de cem livros disponíveis sobre os vários aspectos relativos à mulher.

Em resumo, durante esta década o estudo da mulher e dos papéis sexuais parece ser a «indústria» que cresce mais rapidamente nas ciências sociais. O sexo tornou-se uma sub-área estabelecida e reconhecida das disciplinas principais, tais como psicologia, sociologia, antropologia, história e economia.

O que está ocorrendo? Qual é a razão para esse crescimento de preocupações, interesses e atividades, entre as mulheres e a respeito da mulher, nas disciplinas universitárias? Será o interesse e a preo-

* Isso significa que apenas 12,3% de todos os professores catedráticos e adjuntos são mulheres.

cupação uma novidade passageira? Uma reação ao clima social da época, que eventualmente desaparecerá? Ou os atuais interesses produzirão uma mudança permanente no conteúdo das disciplinas? Deveria a mulher ser estudada como área separada, ou esta investigação deve ser integrada no estudo dos seres humanos em geral? As pesquisas sobre a mulher são um campo legítimo do estudo científico ou têm conteúdo basicamente político e polêmico?

Estas são algumas das questões levantadas. Não tenho pretensão de responder a todas, mas considerarei várias das principais no restante desta palestra. Assim fazendo, estou falando a partir da perspectiva das ciências sociais que melhor conheço — sociologia e psicologia — e, em menor extensão, história e antropologia. Dirigir-me-ei a duas questões básicas:

- 1) Qual o motivo da crítica feminista à pesquisa nas ciências sociais?
- 2) Qual a contribuição que a «nova cultura» sobre a mulher está fazendo ao conhecimento e teoria das ciências sociais?

A crítica feminista

O primeiro ponto a que as estudiosas feministas reagem é de que na maioria das pesquisas de ciências sociais as experiências e atividades de 51% da raça humana são desprezadas, recebem menor atenção e são consideradas como menos importantes que as de 49%. Em resumo ao ler livros ou artigos escritos antes de 1970, nota-se que as mulheres são em grande parte invisíveis; encontra-se muito pouca informação a seu respeito. A invisibilidade da mulher assume muitas formas, dependendo da disciplina específica.

A questão é mais simples em história, onde se verifica que os estudos e escritos históricos são basicamente relatos da história e atividades de homens. Num estudo de 27 manuais de história de grande vendagem, para cursos gerais em história americana, Dolores Barracano e Earl Schmidt constataram que dos 60 autores e co-autores apenas um pertencia ao sexo feminino. Trata-se de compêndios que tiveram vendas anuais da ordem de 4-5 milhões de dólares. Barracano e Schmidt contaram todas as referências à mulher e depois compararam o número total de páginas dedicadas às mulheres (ou a retratos de mulheres) com o número de páginas de todo o texto. Verificaram que os manuais, com 400 a 2.000 páginas, atribuíram entre 2% e 0,05% às mulheres (a última cifra representa meia página num livro de 1.000 páginas). Curiosamente, em textos ilustrados, as mulheres eram mostradas em gravuras com muito mais freqüência do que mencionadas no texto. Podem ser insignificantes historicamente, mas são mais decorativas!

A invisibilidade das mulheres nos relatos históricos origina-se do fato de que os historiadores concentram quase toda a atenção em acontecimentos que ocorrem na esfera pública na arena da política, guerras, religião —, áreas em que os homens dominam. Muito pouca atenção é prestada à história do âmbito privado da família, à criação dos filhos, sexualidade e saúde — chamado de «história social», — onde pode considerar-se que as mulheres desempenham papéis importantes. Alguns historiadores argumentariam que há maior disponibilidade de material sobre os acontecimentos que têm lugar na esfera pública, onde existem documentos, relatos de jornais e livros do período. Entretanto, para refutar este argumento, outros historiadores ressaltam que há muito material sobre a vida particular e doméstica — registros de tribunais, dados de recenseamento sobre nascimentos e mortes, diários e assim por diante —, contudo, esse material é raramente usado para reconstituir as vidas das mulheres de épocas passadas.

O problema real parece estar em que os historiadores fizeram o julgamento subjetivo de que certos tipos de atividades — aquelas em que os homens se envolvem — são realmente mais importantes ou significativos do que as atividades femininas. Não obstante, quem pode afirmar que as alterações históricas nas taxas de nascimento, mortalidade materna e infantil, princípios de criação de filhos, padrões profissionais de homens e mulheres não exercem um efeito tão profundo na sociedade quanto as contendas políticas e guerras? Assim, um pesquisador ficou espantado com o fato de um manual de história dedicar seis páginas ao revólver de «seis tiros» do Oeste Americano e nenhuma às profissões femininas; que um outro atribuisse mais páginas às atividades da Klu Klux Klan (um movimento racista do Sul) do que ao movimento sufragista, que lutou e obteve o direito de voto para as mulheres.

Em psicologia, que a maioria das pessoas considera uma «ciência», mais do que a história, e portanto presumivelmente mais objetiva, também verificamos que a mulher é desprezada. Três estudos importantes, verificaram qual o sexo que os pesquisadores utilizaram, com mais frequência, como objeto de pesquisa (em revistas de psicologia durante 1962-63, 1966-67 e 1970-71). Nos três estudos, entre um quarto e metade das pesquisas valeu-se de sujeitos de apenas um dos sexos, — ou seja, todos os indivíduos eram homens ou todos mulheres. Desses estudos de sexo único, de 2/3 a 3/4 utilizou somente homens. Os pesquisadores apresentaram três razões para esse fato: sabe-se que as mulheres e os homens diferem e, portanto, era melhor estudar apenas um sexo; os dois sexos poderiam apresentar resultados diversos e os pesquisadores desejavam reduzir a variabilidade; e, finalmente, conveniência (era mais fácil encontrar indivíduos masculinos). Embora possam ou

não ser boas razões, o verdadeiro problema foi que, na maioria dos casos em que os pesquisadores utilizaram apenas homens, não acharam importante especificar que o estudo baseava-se apenas em sujeitos masculinos e, portanto, que os resultados poderiam não ser verdadeiros para todas as pessoas. Pelo contrário, supuseram que as reações obtidas, desde que encontradas em homens, aplicavam-se a todos os seres humanos. Se posteriormente se constatasse que as mulheres não respondiam da mesma forma, inferia-se que constituíam um caso especial, afastado do «normal». Assim, as atividades masculinas representam a norma e as femininas a variante da norma.

Voltarei, agora, à minha própria área da sociologia. Se examinarmos o campo da sociologia, e a maneira pela qual é organizado, fica claro que da forma em que os temas estão distribuídos, os papéis sexuais e a mulher são desprezados em aspectos importantes. A sociologia é organizada em torno de áreas da vida social — sociologia política, criminologia e marginalidade, sociologia organizacional, sociologia da religião, família e assim por diante. Apenas uma área — a família — considera a mulher de maneira específica. Todas as demais tratam basicamente das atividades masculinas. De fato, tudo a respeito da mulher é debatido na área da família; tendo supostamente resolvido essas questões, acredita-se que não há necessidade de examiná-las, em outras áreas.

Observemos mais de perto uma área em que estou mais interessada — a sociologia do trabalho e das profissões. Primeiro, notamos que a definição de trabalho é invariavelmente «emprego remunerado». Por definição, portanto, o trabalho da mulher no lar não é considerado «trabalho verdadeiro» (uma vez que não é remunerado). Em vez disso, o trabalho feminino no lar é tratado como integrante da relação familiar. O trabalho doméstico torna-se parte do papel feminino, e não é considerado atividade produtiva no sentido de emprego. Como resultado, até recentemente, quase não houve tentativas para compreender o trabalho doméstico, as tarefas envolvidas, as condições sob as quais é executado e o significado que tem para a dona-de-casa. Não se considera o trabalho doméstico como parte do produto nacional bruto, nos Estados Unidos, mesmo levando em conta que esses serviços aí estariam enquadrados se tivessem de ser pagos, como ocorreria no caso da incapacidade da mãe de família. Incidentalmente, numa economia de trabalho assalariado, a atividade não remunerada não é considerada «valiosa», uma vez que não produz quaisquer bens de troca. Já que 50% das mulheres nos Estados Unidos trabalha exclusivamente no lar, este aspecto muito amplo da atividade feminina é desprezado.

E quanto às mulheres empregadas? Mais de $\frac{1}{3}$ das mulheres trabalham por salários, mas novamente verificamos que são invisíveis. A maioria dos estudos sobre profissões dirige-se aos profissionais masculinos brancos. Desprezam-se os negros, as mulheres e aqueles que trabalham na linha de montagem. Quando se estudam as mulheres que trabalham, verificamos que sua ocupação é subordinada à família — o foco é sempre posto sobre os conflitos e problemas que experimentam, ao procurar combinar o emprego com as responsabilidades familiares. Presta-se muito pouca atenção a como as condições específicas de trabalho afetam as mulheres assalariadas. Num manual de 370 páginas sobre trabalho e profissões, encontrei apenas 18 páginas dedicadas ao sexo feminino, 4 das quais relacionadas com a mulher empregada. As outras 14 faziam parte de um capítulo sobre família e educação.

O que encontramos, então, é um retrato muito unilateral dos homens e mulheres. Estas são vistas basicamente em termos de seus papéis sexuais, ou seja, na família, enquanto os homens são considerados em termos de suas profissões. Por outro lado, os homens são ignorados como participantes da família, e as mulheres desprezadas como trabalhadoras.

Este exemplo da distorção que resulta de se ignorarem as mulheres leva-nos ao segundo motivo principal da crítica feminista às ciências sociais — de que as teorias, interpretações e pressupostos são sexistas. Ou seja, as teorias consideram mulheres e homens de forma estereotipada, aceitando a posição secundária da mulher *vis-a-vis* o homem. Assim, quando o sexo feminino não é ignorado, as formas pelas quais é estudado simplesmente ratifica os estereótipos e restrições existentes.

Primeiro, subjacente a quase todas as concepções está a idéia de que o papel da mulher é determinado pela biologia, e que a psicologia, posição social e história femininas encontram-se ligadas às funções de criação e alimentação dos filhos. Quase todas as teorias da evolução da sociedade humana baseiam-se numa aguda dicotomização entre homens e mulheres, sendo estas relegadas quase que exclusivamente às funções de reprodução e amamentação, como se pouco mais tivessem a fazer na vida. Na teoria Tiger e Vox da vinculação masculina, os homens são vistos como inatamente agressivos; a suposição é de que a sociedade humana primeiro formou grupos em torno dos homens, que se uniram para proteger as mulheres e crianças. Presumivelmente, com a evolução de organizações sociais mais complexas, estas permaneceram confinadas à sua esfera reprodutiva, enquanto os homens ficaram livres para orientar a cultura humana.

Segundo, um resultado dessa concepção é que as mulheres são consideradas uma massa homogênea,

como se suas vidas fossem uniformes independentemente de época histórica, classe social ou situação específica. As características biológicas compartilhadas pelas mulheres impediram a percepção de diferenças entre elas, assim na história presume-se que a mulher tem estado ininterruptamente sujeita ao homem. Enquanto se supõe que as instituições sociais dirigidas pelos homens mudaram e evoluíram, infere-se que o papel da mulher continuou sendo o mesmo, durante diferentes épocas da história. Desse modo, prestou-se muito pouca atenção às variações nos papéis que as mulheres desempenharam em diferentes períodos históricos, os contrastes nas vidas de mulheres de classes diferentes, os altos e baixos da mão-de-obra feminina na economia. Apenas recentemente começou a ser investigada a questão de como a industrialização afetou a posição da mulher. O debate gira em torno da melhoria de status (devido à libertação das limitações da fraqueza física) ou de seu enfraquecimento (porque as mulheres foram forçadas a retirar-se do trabalho produtivo).

Terceiro, a teoria da ciência social também é utilizada para justificar estereótipos atuais. Supõe-se que os tipos de papéis presentes — onde a mulher tem responsabilidade básica pelo cuidado dos filhos e funções domésticas — e o homem assume o encargo de ganhar dinheiro — são naturais e imutáveis. Assim, os tratamentos sociológicos da família consideram que a atual forma familiar predominante nos Estados Unidos — a família nuclear, constituída pelo homem, mulher e seus filhos biológicos — seja a unidade familiar natural e, mais ainda, que esse modelo particular é necessário para a sociedade. Acredita-se que uma família nuclear intata ajude a manter a estabilidade da sociedade, e qualquer variação dessa forma é considerada um sinal de patologia social. A família comandada pela mãe foi acusada por Daniel Moynihan (professor de Harvard e atualmente Senador por New York) de ser portadora de inúmeros males sociais entre os negros: delinquência, desorganização social, doença mental e perpetuação da pobreza. Se se seguir esta linha de pensamento à sua conclusão lógica, então os papéis tradicionais de homens e mulheres devem ser preservados, para que a sociedade se mantenha estável. Qualquer mudança é perigosa. Esta concepção ignora as inúmeras e diferentes variações na vida familiar existentes nos Estados Unidos e em várias culturas, e em períodos diversos da história.

Quatro, a maioria dos conceitos e teorias centralizam-se no homem. Supõe-se que aquilo que um homem faz é a norma para a raça humana, enquanto as atividades femininas são variante. É necessário um conjunto principal de leis para explicar o comportamento humano e, a seguir, requer-se um conjunto de normas separado, para interpretar o comportamento feminino. (Este problema se origina

em parte da prática que mencionei anteriormente, de usar-se apenas sujeitos masculinos nos estudos psicológicos. As hipóteses desenvolvidas vêm de pessoas do sexo masculino; portanto, naturalmente as mulheres não se enquadram, devendo ser formulado um quadro de hipóteses separado. Se as mulheres tivessem sido incluídas em primeiro lugar, as hipóteses poderiam ter sido generalizadas para incluir ambos os sexos). Por exemplo, Inge Broverman e colegas apresentaram uma lista de adjetivos a profissionais clínicos (psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais) e solicitaram a 1/3 deles que descrevessem um adulto mentalmente sadio, ao outro terço que classificasse um homem mentalmente saudável e, ao restante, uma mulher com saúde mental. Curiosamente, constataram que a definição de um adulto com sanidade mental corresponde muito intimamente à descrição de um homem mentalmente saudável (ou seja, «lógico, independente, toma decisões com facilidade etc»). Por outro lado, a mulher com higidez mental apresentava muitos traços que diferiam daqueles de um adulto mentalmente sadio. Muitas das características atribuídas às mulheres poderiam ser descritas como negativas: mais submissas, menos ousadas, mais preocupadas com a aparência, menos objetivas, mais emocionais, mais excitáveis numa crise de pequena importância. Duas coisas são dignas de nota: existe um duplo padrão de saúde mental — o que é considerado saudável num homem difere do que é sadio numa mulher; e, o que se considera sadio num ser humano maduro equivale ao que é saudável para um homem, mas não para uma mulher.

Quinto, a própria linguagem empregada nas ciências sociais determina a forma pela qual percebemos e interpretamos dados, e afeta a maneira pela qual as pessoas encaram uma atividade ou experiência. Por exemplo, num estudo de diferenças entre homens e mulheres, compreendendo vários testes mentais objetivos e traços comportamentais, os homens obtiveram escores mais altos em cinquenta por cento das medidas e as mulheres conseguiram escores mais elevados na mesma proporção. Não obstante, os autores empregaram a palavra «superior» para caracterizar o desempenho dos homens, na metade dos casos em que obtiveram escores mais altos, enquanto utilizaram o termo «escore mais elevado» para descrever os escores femininos. Por que o termo «superior» foi utilizado? É claro que representa um julgamento social, uma suposição. Em outro exemplo, Harlow estava estudando o comportamento dominante de macacos. Um macaco e a fêmea foram colocados na mesma jaula, juntamente com uma tigela de comida. Harlow mediu o total de tempo em que cada um esteve mais próximo do recipiente e se alimentou. De acordo com os fatos, o macho esteve mais perto da tigela, ou se alimentando, durante 60% do tempo. Ao escrever os resultados, Harlow os descreveu deste modo: durante 60% do tempo o macho

controlou o recipiente de comida e permitiu que a fêmea controlasse a comida durante os restantes 40%. A simples palavra «permitir» vai além do fenômeno real observado, e apresenta um quadro possivelmente ilusório. Em que base Harlow conclui que quando a fêmea estava mais próxima à tigela de comida o macho estava «permitindo» sua presença ali? Podemos supor apenas que Harlow projetava sua concepção das relações macho-fêmea.

Resumindo: a crítica feminista ao conhecimento tradicional afirma: primeiro, que as experiências e atividades das mulheres têm sido mal estudadas e apresentadas, nas pesquisas das ciências sociais. Segundo, que, ao estudar-se a mulher ou os sexos, a pesquisa e sua interpretação foram distorcidas por vieses devidos a estereótipos e crenças (com frequência inconscientes, por parte dos pesquisadores — homens e mulheres eruditos, nenhum dos quais está livre de estereótipos culturais).

A Nova Cultura Feminista

Voltemos agora à «nova ciência» — que está sendo elaborada por feministas. Se o antigo conhecimento apresentava tantas limitações e problemas, qual a contribuição que a nova cultura está oferecendo no sentido de eliminar as falhas? Parece-me que existem três formas principais de contribuição às ciências sociais: primeiro, pela pesquisa de novas áreas não muito exploradas ou investigadas de forma bastante limitada; segundo, através da avaliação e crítica das concepções tradicionais, que não levaram em muita consideração os sexos e/ou mulheres; e, terceiro, pela formulação de novas teorias — incluindo o reexame das teorias existentes — que considerem o comportamento e experiências tanto da mulher quanto do homem.

As duas primeiras áreas de pesquisa e crítica das teorias existentes já estão bem encaminhadas e gostaria de discuti-las conjuntamente, em detalhes. O último aspecto — formulação de novas teorias — mal teve início e, portanto, torna-se difícil fazer quaisquer afirmações definitivas. Considerarei esta questão brevemente, ao final.

Focalizarei três áreas principais da nova pesquisa e um reexame parcial do conhecimento adquirido em consequência da pesquisa.

A vida familiar, e as consequências desta sobre a mulher, está sendo reexaminada em várias das ciências sociais — história, antropologia, sociologia e psicologia. Na história, a tendência mais recente tem sido a de realizar pesquisa demográfica, com a utilização de dados de recenseamento, registros de nascimentos, mortes e arquivos dos tribunais. Esse material está sendo empregado para investigar mudanças históricas na idade de casamento, taxas de reprodu-

ção, tipos de viuvez e novos casamentos. Embora forneça apenas um quadro remoto, permite alguma reconstrução dos ciclos de vida das mulheres, em diferentes períodos históricos.

Enquanto isso, os sociólogos e antropólogos vêm investigando diferentes tipos de família — estudando as amplas redes familiares da sociedade pré-industrial e as famílias matriarcais entre os pobres urbanos. O motivo dessa pesquisa é demonstrar que as mulheres têm mais força na sociedade quando vinculadas a redes familiares extensas do que quando se encontram limitadas à família nuclear (como ocorre na maioria das sociedades industriais). Uma outra razão da pesquisa tem sido de demonstrar que as famílias lideradas pela mulher não são realmente desorganizadas ou de estruturas falhas; na verdade, trata-se de estruturas altamente complexas que congregam muitos parentes e vários lares. Cientistas como Carole Stack argumentam que a família matriarcal pode ser a melhor adaptação à situação de pobreza urbana.

Finalmente, os psicólogos e sociólogos estiveram examinando os impactos do casamento, criação dos filhos e trabalho doméstico sobre as mulheres. Vários estudos questionaram o juízo convencional de que o casamento e o cuidado dos filhos são naturais e, portanto, presumivelmente «saúdáveis» para a mulher. Existe evidência cada vez maior de que o isolamento, a falta de valor atribuída ao serviço doméstico, a perda de função que ocorre quando as crianças crescem, todas conduzem a uma menor autoestima das mulheres e ao enfraquecimento de suas funções mentais. (As mulheres casadas apresentam sistematicamente taxas mais altas de depressão e outras doenças mentais do que as solteiras — mas, em contraste, as casadas têm melhor saúde mental do que os homens solteiros — de acordo com Jessie Bernard em *The Myth of the Happy Marriage*).

A área que cresceu mais depressa foi a pesquisa sobre a sexualidade. Isso se deve, basicamente, ao fato de que muito pouco estudo foi realizado no passado, de forma que qualquer avanço significa um progresso. A sexualidade parece ter se tornado uma pesquisa semi-respeitável. Historiadores como Carole Smith Rosember estudaram os hábitos sexuais em diferentes períodos da história; ela reexaminou algumas das nossas concepções sobre a época Vitoriana, estudando livros de medicina, folhetos sobre saúde e manuais para o casamento daquele período. Essa pesquisa mostra não apenas a grande preocupação com a sexualidade reprimida, durante aquela época, mas também que a vida erótica da era Vitoriana é muito mais complexa do que pensamos anteriormente.

Uma terceira área é a que recebeu provavelmente a maior quantidade de pesquisa recente — a do trabalho e profissão femininos. Esse setor foi estudado conjuntamente por sociólogos, economistas e

historiadores. Houve várias conferências importantes, com palestras dedicadas ao trabalho e emprego. Enquanto a antiga pesquisa sobre a mulher e trabalho concentrava-se nas chamadas mulheres «profissionais» — ou seja, advogadas, médicas e outras profissionais — a nova pesquisa focaliza a trabalhadora comum (as mulheres que exercem profissões manuais e trabalham em escritórios, e constituem perto de 50% da força de trabalho total). Myra Feree demonstrou, por exemplo, que mulheres da classe trabalhadora que têm empregos fora do lar tendem a defender a ideologia de liberação da mulher. Em minha pesquisa com Roslyn Feldberg, demonstrei que as escriturárias dão muita importância a suas funções, mas estão sendo alienadas pela crescente mecanização do serviço burocrático. Alguns pesquisadores finalmente começaram a estudar em minúcias o trabalho doméstico. O melhor dos novos estudos foi realizado por Ann Oakley, que pesquisou as atividades e experiências das donas-de-casa inglesas.

Economistas como Mary Stevenson estiveram examinando especificamente o problema da segregação profissional — a manutenção das mulheres em profissões basicamente destinadas ao sexo feminino. Em 1973, 60% de todas as mulheres trabalhava em profissões constituídas por 75% ou mais de elementos do sexo feminino. Seus salários são mantidos muito baixos, por haver profissões separadas para os dois sexos: Stevenson demonstra que quanto mais alta a porcentagem de mulheres em um trabalho, mais baixos os ordenados em relação ao grau de habilidade e treinamento requeridos.

Existe muito mais, é claro, do que fui capaz de descrever até agora. Finalmente, se a «cultura feminista» terá ou não valor duradouro na ciência social dependerá da possibilidade de evolução das novas teorias para substituir ou complementar a estrutura existente. Uma vez que a tarefa está começando, posso apenas apresentar algumas considerações gerais sobre a direção que pode tomar.

O maior desafio para a teoria feminista, em sociologia pelo menos, consiste em explicar a diversidade e similaridade da posição feminina em diferentes sociedades. É lugar-comum que em todas as sociedades as mulheres são subordinadas (no sentido de que os homens, e aquilo que fazem, são mais valorizados). É igualmente verdadeiro que o grau de subordinação varia bastante — inúmeras sociedades buscam a igualdade, enquanto em outras existe muita desigualdade.

As duas principais abordagens para uma explicação deste fato têm sido, primeiro, o papel da mulher no processo produtivo — ou seja, análise em termos da falta de controle da produção por parte

da mulher. Ela pode contribuir e ser produtiva, mas geralmente o homem controla o produto do trabalho feminino. Segundo, o papel da mulher na reprodução — a subordinação feminina é explicada pelo fato de que em toda sociedade a mulher dá à luz. Mais importante, também amamenta e, portanto, deve alimentar o filho. O encargo de alimentar o bebê limita suas atividades e raio de ação, decorrendo daí que lhes são atribuídas as responsabilidades domésticas. Em consequência, infere-se que não podem participar igualmente das atividades públicas.

O foco da atenção tem sido sobre a reformulação do papel feminino, em uma ou ambas dessas áreas — isto é, integrar as mulheres no processo produtivo, dando-lhes igual controle sobre a produção, e livrá-las da tirania da reprodução (o que é viável

com o controle da natalidade; contudo, as mulheres sempre estarão em ligeira desvantagem, se tiverem de se ausentar de seus empregos para ter filhos). O problema das teorias mais tradicionais é que os homens foram excluídos da equação. O foco de atenção tem sido sempre sobre as alterações nos papéis e posição das mulheres. O que precisa ser reexaminado, fundamentalmente, é o papel dos homens. Como suas funções serão reestruturadas? Para isso qualquer teoria nova tem de levar em consideração tanto o processo produtivo quanto a reprodução, os papéis dos homens e das mulheres. Mais ainda, terá de ser histórica, inter-cultural e considerar as inúmeras situações e circunstâncias econômicas específicas. O material para começar esse empreendimento está disponível; a criação deve ter início.

[Recebido para publicação em setembro de 1977]